

MUSEU : BIBLIOTECA

Folha para Hemeroteca

Cl:

Data publicação

6,5,88

Diário Grande ABC:
Coluna Memória

Assunto:

Ademir MEDICI



Cemitério de Santa Cruz

A capela de Santa Cruz, em Rio Grande da Serra, focalizada ontem, ainda pode ser salva. Basta a cidade se unir em torno desta luta. O que está irremediavelmente perdido é o velho cemitério, cuja área, aterrada, abriga hoje a nova igreja matriz de Rio Grande. Foi uma pena.

O cemitério tinha história ao ser destruído em 1979. Foi aberto no século passado, quando da construção da capela. E recebeu a denominação de Santa Cruz em 1905, quando uma lei municipal de São Bernardo denominou todas as necrópoles do Município.

A foto mostra vista parcial do cemitério, nos anos 70. Pertence ao acervo da advogada local Gisela Leonor Saar. E a fotografia é ainda mais interessante porque retrata bem a integração do cemitério com a capela, cuja torre pode ser vista parcialmente ao fundo.

Dona Gisela estudou bem a arquitetura da capela. Chegou à conclusão que, no Brasil, existem pelo menos duas outras obras iguais: as capelas de Recife e Rio de Janeiro, provavelmente projetadas pelo mesmo arquiteto. São obras da Ordem dos Carmelitas.

Este arquiteto construiu a torre em estilo meia chã e afixou dísticos e emblemas de Portugal: o lírio, o globo, o galo, o arauto significando a penetração da religião católi-



ca, o emblema na cruz. Um conjunto que significa a conquista de Portugal. Felizmente, um conjunto salvo e bem guardado, que figurará no futuro museu da cidade ou então retornará à capela de Santa Cruz, tão logo ela seja restaurada e preservada definitivamente.

O que a comunidade não pode perder de vista são os velhos sinos da capela. Onde estariam? Estariam seguros?